

: A M Ú O S :

Os jornais monárquicos e conservadores aplaudem a atitude do sr. António Maria da Silva para com o sr. Presidente da República, como uma prova de pundonor agravado e nobre desfôrço.

O ex-chefe de governo, pessoa de rudimentar cultura, pródigo em actos e palavras dum plebeísmo tacanho, tendo conquistado penosamente, numa dúzia de anos, a direcção do maior partido do regime, foi-se habituando a pôr acima dos princípios a sua pessoinha medíocre, tanto mais insignificante quanto mais manhosa e arteira, sinuosa e tortuosa, se lhe manifeste a complicada regedoria. A actividade política dêste senhor deixou de ser um elemento de acção patriótica, para se transformar num fito de predomínio individual, combinações parlamentares e ministeriais, arranjos partidários, cisco dos bastidores e dos conluios, na penumbra onde se fazem e desfazem as efémeras investiduras de mando e penacho.

Para os homens do seu tipo, a noção saudável e limpa do que seja uma democracia desaparece perante a conquista e a sedução dos trunfos políticos, sobretudo os eleitorais. Jogam a sua partida de xadrez; não concorrem para o bem comum. Manejam os cordelinhos dos fantoches; não coordenam os feixes robustos das inteligências, dos caracteres e das vontades. Anima-os um espírito mesquinho de despique e comando despótico; oblitera-se nêles o respeito das actividades e opiniões alheias. Daí o pendor para a arte de afrouxar ou retesar as rédeas do governo conforme convém o fervilhar dos pronunciamentos e banzés da opposição, ou o gesto de tesura governamental, que entusiasma os audazes e intimida os indecisos.

Assim, tôda a acção própria ou alheia é encaráda com uma miopia estéril. Homens, ideas, governação, afirmações, promessas, tudo se cinge a um fim comesinho, egoísta, imediato. Vivem dia a dia, com um programa de Deus-dará, sem se importarem com o dia de amanhã, atamancando as dificuldades de ocasião, nos vai-vens de votações, de pressões, do que anda no ar. Oportunismo, contemporização—mas sem a grandeza dum ideal, com os olhos vendados, tacteando as exigências da miséria íntima e das misérias do pró-

ximo. Estes homens conservam a chamada honra pessoal, mas exageram e dilatam a flexibilidade da honra política até às fronteiras do crime.

Esboçou-se no partido democrático, há muitos anos, uma tendência de scisão, que resultava em parte da grandeza do próprio partido, em parte, ainda, de ambições políticas, de louváveis divergências de processos, de diferenciação de métodos e ideas. Álvaro de Castro, se bem nos recorda, foi o primeiro que se afastou, levando um magnífico estado-maior. Depois, Domingos Pereira. Iludiram-se, porém, um e outro, com o valor do seu prestígio. Todos que têm vivido dentro do partido democrático, desempenhando cargos, recebendo benesses, sujeitando-se a sacrificios, haurem nêles o alento da velha tradição republicana. Ao dar-se a scisão no congresso da rua da Palma, nos começos da República, ficando dum lado Afonso Costa e do outro Brito Camacho e António José de Almeida, o novo partido foi o herdeiro dos vetustos papiros de Sousa Brandão e Elias Garcia, dos velhos quadros da propaganda e das eleições, com todos os defeitos e qualidades, desde o idealismo ingénuo e o anti-clericalismo estreito, até um mau espírito, novo, de ganância, turbulência agressiva para os correligionários, intolerância de ideas; mas, nas horas incertas para o regime, o partido democrático, com raras excepções, cerrou fileiras e contribuiu muito para salvar a República.

Álvaro de Castro passou, com a sua escolhida patrulha, para os liberais e nacionalistas; Domingos Pereira recolheu ao aprisco. E assim todos compreenderam que a grande táctica, ao esboçar-se uma scisão, seria não arredar pé do reduto. D'aí a violência brutal do duelo António Maria da Silva e Domingues dos Santos. Ambos querem ficar com os registos eleitorais do partido, com a rede de influências do Directório sobre o país inteiro. Não fôra isso, cada um, liberto do formidável *corps-à-corps*, iria para seu lado. Mas a luta tem que se dar no estreito espaço do tablado, do *ring*, na alternativa, para o vencido, de cair do estrado ou ser declarado *knock-out*.

Ora nem o país nem o sr. presidente da República têm nada que vêr com o aspecto de ódio pessoal e aniquilador que tal luta reveste. O país, nas próximas eleições, saíndo talvez um pouco

da sua habitual indiferença, pronunciar-se há entre êsses dois homens, o moderantismo dum e o radicalismo do outro. Julgará até que ponto o sr. António Maria da Silva transige com as fôrças vivas, os bancos, as classes conservadoras; até que ponto o sr. Domingues dos Santos merece, num plano muito inferior ao de Herriot, respeito e simpatia por enfrentar a Banca parasitária, e ter-se atrevido a aniquilar o papão, quasi inofensivo, de resto, da Associação Commercial.

Parece-me que o sr. presidente da República, acima de partidos, paixões e facções, tem procurado sempre proceder dentro duma linha de absoluta imparcialidade. Se enviou o célebre telegrama, no momento em que sentava à sua mesa o sr. António Maria da Silva, foi talvez para não se esquecer de que ia ser prestada uma homenagem a um antigo presidente de ministério; ao político em honra de cujas ideas e acção um cortejo de trinta a quarenta mil manifestantes tinha vindo marulhar até junto do palácio de Belem; ao *leader*, enfim, que havia pouco lhe participara a constituição do novo grupo parlamentar da esquerda, com vinte e tantos deputados e senadores, antigos ministros, antigos colegas de governo do próprio sr. António Maria da Silva. O sr. Teixeira Gomes, julgamos nós, não quís, e muito bem, ser o presidente que dá alento a dois partidos heterogéneos, esfacelados por intrigas e rivalidades. Não quís ser o presidente do sr. António Maria da Silva e do sr. Cunha Leal, contra o sr. Álvaro de Castro e o sr. Domingues dos Santos. Assim se explica, parece-nos, não conceder a dissolução a nenhum grupo ou partido. Assim se compreende o seu sóbrio telegrama de saudação ao dr. José Domingues dos Santos.

A grosseria do sr. António Maria da Silva para com o presidente da República, o seu amúio para com o parlamento, a esperteza saloia de se manter, no entanto, à cautela, na efectividade do Directório do seu partido, desprestigiam-no, no mais alto grau, pessoal e politicamente. Ninguém se sente com o direito de exigir dêle a linha dum Talleyrand, dum Metternich, dum de Morny; mas cabe-lhe, por certo, o dever de não exhibir publicamente a mentalidade e as maneiras dum cacique sertanejo.